

MOVIMENTO LGBT OCUPANDO E TRANSFORMANDO OS ESPAÇOS LGBT MOVEMENT OCCUPYING AND TRANSFORMING SPACES

Wilians Ventura Ferreira Souza¹

RESUMO: Os movimentos sociais possuem uma característica considerada a priori de sua existência, isto é, a luta por conquistas e direitos, utilizando-se dos espaços para travarem suas lutas. Evidenciando a presença do fator da militância em busca de direitos, e também do corpo como uma representação de luta, lanço-me em uma tentativa de compreender a representatividade dos corpos nos espaços de militância e nos espaços de relações desses indivíduos. Também inicio um grande esforço para construir a história da formação do movimento LGBT de Presidente Prudente, trazendo na presente obra duas entrevistas a militantes do movimento LGBT de Presidente Prudente, sendo uma delas uma mulher transexual e deficiente visual, que compartilha suas experiências dentro da militância e, sobretudo, suas vivências enquanto mulher transexual. Levanto também uma indagação, caracterizando o corpo como um espaço particular, mas que igualmente se relaciona com outros corpos, portanto: o corpo modificado, modifica também os espaços?

Palavras-Chave: Movimentos Sociais, Militância, LGBT, Transexual, Corpo e Luta.

Abstract: The social movements have a characteristic considered a priori of their existence, that is, the struggle for achievements and rights, using the spaces to stop their struggles. Demonstrating the presence of the factor of militancy in search of rights, and also of the body as a representation of struggle, I cast myself in an attempt to understand the representativeness of the bodies in the spaces of militancy and in the spaces of relationships of these individuals. I also start a great effort to build the history of the formation of the LGBT movement of President prudent, bringing in the present work two interviews to militants of the LGBT movement of President prudent, being one of them a transsexual and visually impaired woman, who He shares his experiences within militancy and, above all, his experience as a transsexual woman. I also raise an inquiry, characterizing the body as a particular space, but it also relates to other bodies, therefore: the modified body, also modifies the spaces?

Keywords: Social movements, militancy, LGBT, transsexual, body and struggle.

Introdução

Esse trabalho é o início de uma reflexão que vem sendo construída a passos lentos, porém com muita objetividade e intencionalidade em criar um embasamento teórico sobre o assunto estudado no Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA), com o principal objetivo de evidenciar as demandas sociais do movimento LGBT de Presidente Prudente.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP campus de Presidente Prudente Estagiário do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária - NERA

A elaboração e o desenvolvimento deste trabalho buscam abrir uma discussão, diálogo e debate com uma das principais demandas dos movimentos sociais, isto é, a busca por espaço, por território, por políticas públicas, no todo por melhores condições de vida com a criação de mecanismos que transformarão a vida de indivíduos atingidos pela violência liquefeita e conservadora da nossa sociedade.

Para a construção deste trabalho, foram realizadas duas entrevistas com militantes do movimento LGBT, que relataram problemas enfrentados no dia a dia pela sua orientação sexual ou identidade de gênero. O universo de entrevistados constituiu-se por uma mulher transexual e deficiente visual, que compõe diversas militâncias, sendo também uma das fundadoras do grupo Somos de Presidente Prudente, e um homem homossexual militante do movimento LGBT e também um dos fundadores do grupo SOMOS.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com esses militantes tiveram como principal objetivo entender como se estabelece o movimento dos corpos que se comportam e se expressam de uma forma oposta as características heteronormativas. Toda a construção deste artigo possui uma intencionalidade inicial, que é de atingir as pessoas para refletirem sobre como as normas condicionam os espaços, permitindo que algumas pessoas frequentem ou não determinado ambiente. O debate sobre os movimentos sociais e sobre o corpo modificado é uma forma de tentar compreender de forma linear todos os processos que estão relacionados e correlacionados com a criação de movimentos sociais, lutas políticas, disputas por espaços e por territórios.

O percurso metodológico constitui-se em uma análise qualitativa, pois ela possibilita compreender as características individuais, e que guardam grandes contextos e profundas histórias, que somente acrescentam para a construção de um trabalho bem fundamentado. O objetivo lançado através da pesquisa qualitativa, é indubitavelmente a coleta de dados individuais, histórias singulares e que não se repetem com outras pessoas da mesma maneira, trato como uma individualidade de vidas riquíssimas em suas características pessoais. O movimento LGBT é construído por pessoas que buscam resultados diferentes, mas a luta do grupo está estabelecida por um fator comum, todos esses indivíduos sofrem algum processo de estigmatização, exclusão ou preconceito. Utilizando como referência a obra "*Pesquisa Participante*" de Brandão et al. (1981), em que é atribuída uma máxima muito interessante em que pesquisar é também participar, "Aprender a reescrever a História através da sua história" (BRANDÃO et al., 1981, p.11).

Outra estratégia utilizada nas entrevistas foi tentar construir com esses militantes uma trajetória da atuação do movimento LGBT de Presidente Prudente, ou seja, quando começam, de fato, as paradas LGBT, as intervenções culturais e dentre outras formas de expressão.

Antes da elaboração deste texto, realizou-se um levantamento bibliográfico² com a intenção de ler obras produzidas sobre a temática LGBT em distintas áreas do conhecimento, como os movimentos sociais, saúde, educação, segurança e políticas públicas, para criar uma visão crítica do assunto e posteriormente construí-

² O levantamento bibliográfico foi realizado nos respectivos bancos de dados: Banco de Teses da Capes, Athena (Unesp), Banco de Teses e Dissertações da USP, Plataforma Minerva (UFRJ) e também na Scielo, resultando em um total de 863 obras, incluídas Teses, dissertações, livros e periódicos.

lo dentro da geografia. Dentro desse levantamento realizado, a partir das palavras-chave (violência contra LGBT, Diversidade Sexual, Movimentos LGBT, LGBT, e Gênero e Espaço), obtive um total de 868 obras encontradas; já após a aplicação de um filtro foram reduzidas para 38 obras cujas leituras estão em processo. Dentro destas 38 obras, realizei uma análise percentual de cada tema (eixo temático) e obtive o seguinte resultado: Violência contra LGBT 11%, Diversidade Sexual 26%, movimentos LGBT 23%, LGBT 34%, Gênero e Espaço 6%.

Não queremos construir uma geografia que adote o espaço de luta como algo menos importante nas discussões e nos debates, é por isso que o diálogo estabelecido com as pessoas que vivenciam essas práticas de exclusão e que sentem suas ações é muito relevante. Faço-me dentro desta construção dialética, também um instrumento de mudança, pois estou ligado aos movimentos ouvidos, e compreendo intimamente as formas de luta adotadas, e a maneira com que isso tudo está ou representado nos próprios corpos, ou nos espaços normatizados e reguladores desses corpos.

A tentativa está lançada, a busca pelo conhecimento e pelo entendimento da representatividade dos espaços fazem com que elabore esse trabalho, pois a vontade de entender os aspectos que norteiam a luta por porções dos espaços, tornando-os então territórios semelhantes à sua luta, é magnífico, compreendendo também que a relação de aceitabilidade que o indivíduo LGBT tem com os ambientes que frequenta é importantíssima para compreender alguns aspectos sociais desse público. A sociedade heteronormativa, excludente, machista e homofóbica age limitando seus espaços particulares e pessoais, portanto, o presente trabalho faz submeter-me a uma ansiedade extrema, mas o desejo é único que alcancemos um debate e um resultado que contribua com uma construção firme e consiste dos movimentos sociais LGBT, levantando também outras reflexões acerca dos processos que permeiam o diálogo entre movimentos sociais e a produção dos espaços. Diante de tantas barreiras que são colocadas, e, fragmentações do tema de gênero no campo da pesquisa, atribuo também a esta obra um avanço reflexivo ainda que inicial, pois tratar de uma geografia marginalizada é um grande desafio, principalmente em âmbito acadêmico onde ainda é perceptível grandes barreiras impostas ao assunto.

Um diálogo com o movimento LGBT de Presidente Prudente

A luta do movimento LGBT de Presidente Prudente está representada, sobretudo, na união de pessoas que compreendem o sentido da militância, que desempenham um papel transformador e, portanto, revolucionário. Onde se concentra um grupo de luta, isto é, um movimento social, concentram-se pessoas que foram flageladas, marginalizadas e estigmatizadas por um sistema que as exclui e que as torna invisíveis, utilizando da colaboração realizada por Pedon (2013) acerca dos movimentos sociais, analisados através de uma perspectiva histórica, e, portanto, marxista, utilizo esta referência como base e compreensão dos movimentos sociais sob uma visão geográfica.

Pedon contempla e inclui o estudo dos novos movimentos sociais como uma característica de superação histórica/desenvolvimento da humanidade, e também da divisão de classes. Em seu livro "*A geografia e o movimento social*", ele realiza uma construção cronológica das produções geográficas acerca dos movimentos sociais,

faz menção a diversos teóricos e geógrafos acerca do tema, enriquecendo, portanto, o estudo da geografia humana e das ciências sócias.

Ao longo deste trabalho, utilizo o conceito de *movimento social* para me referir a um tipo de mobilização coletiva de caráter perene, organizada e que realiza, por meio de suas ações, uma crítica aos fundamentos da sociedade atual, baseada nos processos de acumulação de riqueza e concentração do poder manifestados na forma do território. Esses processos têm como resultado a exclusão e a subordinação das classes populares. A proposta de conceituação dessas manifestações numa perspectiva geográfica baseia-se na formulação e emprego dos conceitos *movimentos socioespaciais* e *movimentos socioterritoriais*, inserindo dessa forma, a perspectiva geográfica no campo da teoria social crítica. (PEDON, 2013, p. 12)

A inicial trajetória do movimento LGBT de Presidente Prudente construída nesse artigo, se deu com o estabelecimento de um diálogo muito construtivo com dois militantes do movimento os quais iniciaram a luta no município. Tais militantes ajudaram grandemente na criação do grupo Somos, que representa toda a classe LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) de Presidente Prudente; logo, os principais temas levantados, as principais demandas atendidas ou não, permeiam o grupo Somos e estão representadas e quantificadas através dos seus militantes.

O movimento se organiza com pautas de construção, debates e discussões relacionadas à população LGBT de Presidente Prudente e região, onde as pessoas são ouvidas, levantam questões a serem pensadas e construídas, para contribuir com a luta e com o próprio movimento.

O grupo Somos foi criado no ano de 2015 com a união de diversos delegados para representarem toda a diversidade do movimento, esses delegados se reuniram em uma conferência municipal, logo após se dirigiram para uma conferência estadual. Por fim, houveram membros que foram escolhidos para defender o município em âmbito nacional; portanto, o Somos tem sua criação dentro dessas demandas levantadas e dentro da nomeação desses delegados, expondo a representatividade do movimento LGBT de Presidente Prudente em âmbitos municipais, estaduais e nacionais.

Apesar do Grupo Somos remeter ao grupo originário e primeiro grupo homossexual no fim da década de 70, ele tem uma criação mais endógena, do que propriamente influenciada pelos movimentos homossexuais e principalmente o movimento Somos de São Paulo. Como Pinafi (2011, p.12) mostra, o movimento inicial lutava contra a “demonização” dos indivíduos homossexuais, e essa luta se dava através de um jornal intitulado “Snob”, que realizava publicações criticando essa visão de que os homens homossexuais eram “perigosos estruturalmente falando” para a sociedade.

A construção da sexualidade e a incorporação da ciência-corpo começam a ser categorizadas, ou melhor, entendidas a partir dos trabalhos elaborados no Século XVII e prosseguindo para o Século XVIII, onde o discurso, que antes era muito mais teológico, começa a ganhar um tom mais científico e entender o corpo como uma construção histórico-social.

Mais precisamente no Século XIX, a ciência introduz uma forma de pensar o corpo diferente de qualquer outra já produzida. Dentro deste contexto Foucault define a época como sendo “Tecnologia do Sexo”, que assumia como principal

objetivo regular o corpo e disciplinar as populações; essa época marca “o início tanto do internamento dos homossexuais nos asilos, quanto da determinação de curá-los” (FOUCAULT, 1979, p. 232-233).

É fundamental compreender a escala do movimento, as suas projeções, e a sua evolução dentro do espaço e do tempo. Presidente Prudente possui um movimento LGBT muito distinto do movimento criado no fim da década de 70, mas é notório que as demandas e as dificuldades dessa população continuam e persistem dentro dessa evolução cronológica. Um autor que traz uma contribuição muito interessante relacionando o corpo e o espaço e o corpo enquanto espaço e enquanto uma construção de vivências e relações é Pedroso (2017), quando afirma tratar “[...] de refletir sobre a relação que se estabelece entre o corpo e a cidade enquanto espaço, abordando as inter-relações que emergem desta ligação, dos sentidos e dos sentimentos vivenciados e experimentados pelo corpo [...]” (PEDROSO, 2017, p. 95).

Apresento uma análise feita as falas coletadas dos indivíduos co-fundadores do grupo Somos de Presidente Prudente, onde é possível observar a relação que essas pessoas têm com os espaços, com a militância e principalmente como se projetam no mundo.

Entrevistada Walleria

Walleria é uma mulher Transexual e deficiente visual, que assumiu a sua transexualidade com aproximadamente trinta e cinco anos de idade. É ativista do movimento LGBT de presidente Prudente e uma das co-fundadoras do grupo Somos, é educadora permanente da conferência SSEX BBOX³, pertencendo, também ao fórum paulista de travestis e transexuais, além de lutar pelo direito das pessoas com deficiência e pela proteção dos animais.

Durante a entrevista levantei algumas questões tais como a criação de laços afetivos, a relação com o trabalho, e a utilização dos espaços urbanos realizadas por ela. As respostas trazem muitas informações importantes, sobretudo, no sentido de compreender como algumas relações são negadas a essas pessoas.

Walleria coloca uma grande dificuldade de criar laços afetivos com outras pessoas, expondo principalmente como o comportamento delas é modificado quando descobrem que ela é uma mulher transexual. Ela relata também a ausência de dificuldade com o trabalho, pois já é aposentada, mas expõe que suas oportunidades são extremamente inferiores às de uma pessoa cisgênero⁴. Levantei, também, a problemática relacionada à criação de políticas públicas para a população LGBT, momento no qual a ativista afirmou que quase não existem mecanismos que assegurem direitos a essa população, violada até mesmo no atendimento a postos de saúde e hospitais com indivíduos totalmente despreparados para atender a população T⁵.

³ É um encontro anual de um grupo de Pesquisadores, acadêmicos, ativistas, artistas, trabalhadores sexuais e pessoas que vivenciam questões relativas ao gênero e à sexualidade fora da caixa, aberto para todas as pessoas – curiosos, amigos, jornalistas, família, empresas, instituições.
<http://www.ssexbbox.com/>

⁴ CISGÊNERO: Cisgênero (Cis) é o termo utilizado para se referir ao **indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença"**.

⁵ TRANSGÊNERO: o prefixo Trans pode ser definido por “além de”, “através de”. Ou seja, **as pessoas que estão em trânsito entre os gêneros (masculino e feminino)**; Logo, o termo transgênero é o grande guarda-chuva, que contempla travestis, transexuais, não-binários, crossdressers, drag queens.

Mas, diante de todos os problemas que a população LGBT possui, como eles reagem diante de tudo isso?

Quando levantada essa questão considerada por mim como uma das questões mais relevantes, Waleria afirmou que uma das poucas formas de lutar contra essas condições que muitas vezes são até mesmo impostas, é através dos movimentos sociais, pois sozinhos não possuem força e não conseguem chamar a atenção. Perguntei, também, como a geografia poderá contribuir para uma melhor análise do movimento social LGBT, e ela expôs a seguinte fala:

E eu acho que a geografia, éhhh (silêncio), produzindo um material teórico, científico pode ser uma grande contribuição até para as próprias pessoas “trans” entenderem de que forma, o que pode significar você iniciar, ou assumir um papel “trans”, no que vai implicar isso né, geograficamente dizendo, eu acho que ela fica meio perdida né “e agora sou trans, então não sou mais homem, mas ainda não sou mulher o que eu sou? O costume a tradição, o conservadorismo é forte, é muito forte, mas o comportamento humano ele vem se transformando, por mais forte que a tradição seja ela é rompida, ela não consegue, a barreira que a tradição e que o conservadorismo está impondo não vai ficar em pé por muito tempo. A geografia tem esse papel de mostrar aonde que a transexualidade está rompendo, aonde está ocupando espaço, porque ela está avançando e nos espaços que ela não está avançando, porque não está avançando, e o que ela pode fazer para avançar aonde ela não consegue. (ENTREVISTADA WALERIA, 12/10/2017)

Entrevistado Vagner

Vagner é um homem homossexual de 40 anos, é funcionário público municipal, formado em jornalismo, e, assim como a Waleria, ele também é um dos co-fundadores do grupo Somos de Presidente Prudente. Vagner aponta algumas formas de violência sofridas em sua adolescência, principalmente na época de escola em que era ofendido com apelidos e com brincadeiras pela forma como se comportava diante da fase do descobrimento de sua sexualidade.

Em um momento do diálogo, perguntei a Vagner como ele identificava a ação das políticas públicas, momento em que ele aponta, através de sua fala, a falta de preparo dos profissionais da saúde para atender a população LGBT, a falta de capacitação dos profissionais da educação e também a falta de segurança a essas pessoas. Da mesma forma realizada com a Waleria, questionei também qual o mecanismo utilizado para combater todas essas desigualdades, obtendo como resposta que a única forma efetiva de luta é através da militância por diversos meios, dentre os quais estaria conversar com o legislativo da cidade e solicitar a criação de leis que acabem com a violência contra pessoas LGBT.

Pergunto também durante a entrevista quais os motivos que levam a população LGBT a se organizar enquanto movimento e a lutar por direitos. O

TRANSEXUAL: No caso das pessoas transexuais a identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico, sendo assim, a pessoa transexual pode ansiar por uma mudança de sexo e procuram pela cirurgia sexual (redesignação sexual).

TRAVESTI: A travesti veste roupas e acessórios associados ao sexo oposto. Está ligado às expressões de gênero. Vivem parte do dia ou até mesmo o dia a dia como sendo do sexo oposto. É uma identidade feminina.

entrevistado aponta que a população LGBT vai para as ruas porque se sente violada em seu direito, na sua forma de existir e de ser, fazendo com que eles sejam obrigados a lutar por mais justiça e igualdade.

A fala de Vagner é muito relevante, principalmente no último ponto relatado por ele, em que o indivíduo que está sendo violado realiza um movimento, isto é, sai às ruas para mostrar sua insatisfação, e, sobretudo, as diversas formas através das quais está sendo violado em seus direitos.

Novamente, o papel inicial é compreender esse movimento, movimento de ação dentro de um contexto histórico e geográfico, movimento que está sendo realizado pelas relações de poder e pelos movimentos sociais enquanto agentes transformadores do próprio espaço, estabelecendo espaços de poder e espaços de desigualdade.

O corpo modificado, modifica também o espaço?

Uma das grandes questões a serem levantadas nesse trabalho é: como a representação do corpo pode modificar o espaço? Quando compreendo que o ato de modificar altera todo um conjunto, e que esse conjunto responde a ação anterior, posso atribuir algumas características simples para a mudança dos espaços. O espaço constitui-se uma representação humana, uma materialização do pensamento humano, alguns ambientes foram criados para serem frequentados por indivíduos específicos, logo, o espaço é uma intencionalidade humana, que proíbe e libera outros corpos de transitarem por ele.

Não é possível entrar na discussão do corpo como espaço, pois me falta muita compreensão e embasamento teórico para assim fazer; cabe sim, compreender que os indivíduos LGBT, sobretudo os transexuais, transgêneros e travestis, frequentam espaços limitados e regulados. Uma das caracterizações básicas de que o espaço é regulado e projetado para indivíduos específicos é o próprio banheiro cuja utilização comumente ocorre de forma binária (homem x mulher).

Os espaços estão carregados de intencionalidades (FERNANDES, 2008) essas, por sua vez, têm causado grandes problemas para alguns grupos sociais, como o LGBT, dentre os quais a violência e a intolerância. Agora como será possível compreender que as relações entre o corpo e o espaço possuem sim uma forte influência um do outro?

Imagine, porém, a mesma aplicação do espaço como um ato de projeção; ele está sendo projetado cada vez mais de uma forma conservadora, dando origem a diversas formas de violência, em que trago aqui que a violência física e a marginalização estão presentes dentro dos espaços. O espaço normativo, vem carregado de diversas intencionalidades e, sobretudo, carregado de normas que barram alguns corpos no decorrer de sua aplicação normativa, é um processo silencioso em que o indivíduo LGBT, e sobretudo o corpo transexual sofre e é violentado em seus direitos como humano. O homem transexual ou a mulher transexual que não anda durante o dia pelas ruas da cidade, o jovem que deixou de frequentar a faculdade pela hostilização da sua forma de se posicionar, a travesti que não teve seu nome social respeitado dentro de um hospital, todas essas formas de violência parecem por muitas vezes silenciosas e camufladas, mas elas estão aí,

condicionando os espaços e, portanto, limitando os corpos de se apropriarem de espaços pessoais e sociais.

Logo, quando compreendemos que o corpo faz parte do espaço, também podemos começar a pensar que, fazendo parte do espaço ele também cria espaços, ou seja, ao mesmo tempo em que ele pode condicionar, ele também pode ser condicionado há uma determinada forma de representação. Feito essa compreensão, fica evidente a grande importância de toda essa discussão do corpo como uma representatividade humana e do espaço como uma materialização humana e como um produto social.

Nesse modelo de sociedade excludente, marginalizadora, celetista e, portanto, conservadora, quem é o outro? O outro somos nós, deficientes, diferentes, desviantes, discriminados, rotulados, estereotipados, enfim, estigmatizados por um sistema que cuida muito mal das pessoas, que não as valoriza, não as respeita, que insiste às vezes em não reconhecer as muitas possibilidades de uma sociedade unida na diversidade. (COSTA E DENARI, 2011, p.50).

No momento da entrevista perguntei a entrevistada Walleria se ela encontrava dificuldades no dia a dia em função da sua identidade de gênero, e em sua resposta ficou caracterizado o quanto a representação do corpo modifica os espaços e os comportamentos humanos, limitando e tornando sua forma de expressão excluída das demais formas.

Encontro, BASTANTE! Tenho dificuldades de criar vínculos de amizade, dificuldade de criar um relacionamento afetivo, dificuldades de trabalho não porque eu me aposentei, mas (silêncio) Minhas oportunidades são bem menores do que uma pessoa não transexual, chamada aí por cis gênero. (Walleria, 12/10/2017)

Butler (2006) traz com muita propriedade o questionamento do que realmente impulsiona aos agressores cometerem tal ato. Ao indagar o real motivo de atos de violência contra indivíduos LGBT, a autora aponta a existência de uma relação da não aceitação da entrada desses indivíduos em espaços tidos como norma, violência essa que é manifestada por essa grande vontade de manter uma determinada ordem.

¿Qué motiva a aquellos que se sienten impulsados a matar a alguien porque es gay, o a amenazar con matar a alguien por ser intersexuado, o a aquellos que serían capaces de matar a alguien que ha reconocido públicamente su condición transgénero? [...] La persona que amenaza con la violencia procede desde una creencia ansiosa y rígida que mantiene que un sentido del mundo y del yo será radicalmente socavado si se permite a tal persona no categorizable vivir en el mundo social. La negación a través de la violencia de tal cuerpo es un vano y violento esfuerzo de restaurar el orden, de renovar el mundo social sobre la base de un género inteligible y de rehusar el reto de repensar el mundo como algo distinto de lo natural o lo necesario. Esto no está alejado de la amenaza de muerte o del asesinato mismo de transexuales en diversos países, y de hombres gay que se identifican como “femeninos” o de mujeres gay que se identifican como “masculinas”. [...] Esta violencia emerge de un profundo deseo de mantener el orden del género binario natural o necesario, de convertirlo en una estructura, ya sea natural, cultural o ambas, contra la cual ningún humano pueda oponerse y seguir siendo humano. (BUTLER, 2006, p. 58-59)

Os militantes LGBT vão às ruas buscando melhorias na qualidade de vida dessa população que possui pouca visibilidade, que não alcança os direitos básicos de um cidadão, e sofre intensos ataques de violência, privando-se de uma vida digna.

Mas tudo isso piora quando os aspectos socioeconômicos são também escassos. Refiro-me às questões relacionadas ao poder econômico, cor da pele e religião. É importante incluir os fatores da condição socioeconômica e também características físicas, pois são todos esses fatores juntos que fazem com que os fundamentalistas e detentores do discurso heteronormativo ajam com violência e com discurso de ódio, muitas vezes levando os indivíduos marginalizados por eles à morte.

Note que a questão do espaço às vezes parece escondida, mas alerto que não. Essas brigas, violências, agressões com discursos até mesmo políticos, fundamentam-se, sobretudo e imprescindivelmente, na luta por território. Quando o homem ou a mulher trans ocupa um espaço, os demais indivíduos presentes no mesmo são obrigados a reconhecer sua inserção naquele território, mas, por muitas vezes, essa inserção é percebida, porém não é aceita e se manifesta através de atos de violência.

Ao questionar a entrevistada Walleria sobre o tema da violência lhe perguntei se em algum momento de sua vida ela se tornou uma vítima desse ódio liquefeito:

Não, nunca sofri não, por conta da transexualidade nunca sofri, e por conta também da deficiência visual, eu acho que eu confundi um pouco a cabeça das pessoas, eu acho que os mais transfóbicos aí, olhavam e se perguntavam “nossa o que eu faço agora, eu bato na bixa ou ajudo o cego?” Porque eu acho que eu confundia muito a cabeça das pessoas, eu acho que onde eu fui mais violada no meu direito, foi quando eu fazia academia em São Paulo, onde eu fui impedida, eu vinha direto do trabalho para academia e eu era impedida de usar o vestiário feminino para me trocar, então eu tinha que me trocar e ficava de calcinha e sutiã no vestiário masculino e isso me constrangia bastante, e logo eu fui demitida do trabalho, fiquei sem dinheiro e não tinha mais condições de frequentar a academia, e também estava preparando para escrever um manifesto que ia entregar para todos os alunos, porque a direção da academia alegava que eu constrangia todas as alunas, e era uma mentira porque as meninas não tinham problema nenhum comigo, e eu era bobinha ainda, começo de transição e não entendia ainda o que eu tinha direito de reivindicar sabe, muitas são assim, muitas ficam quietas e deixam, porque não tem conhecimento do que elas têm direito. (ENTREVISTADA WALERIA, 12/10/2017)

O espaço está aí sendo disputado o tempo todo, e uma forma que os indivíduos LGBT têm de conquistar seu espaço é através da militância, e da busca por diálogos e conversas com autoridades do seu município, do seu estado e, raramente, em âmbito nacional. As duas pessoas entrevistadas foram os criadores do Grupo Somos da cidade de Presidente Prudente/SP, os quais alegam que o grupo foi criado no ano de dois mil e quinze, com os delegados que foram escolhidos na conferência municipal ocorrida naquele mesmo ano, e que foram escolhidos para conferência estadual, durante a qual esses delegados se uniram

para defender algumas propostas dessa conferência estadual, e então esse grupo se tornou permanente e adotou o nome Grupo Somos.

É então assim, a gente sempre quer atuar, a gente sempre que é de esquerda e precisa ter campo e ter conhecimento pra isso, mas a partir do momento que eu me envolvi nessa conferência, que inclusive foi um chamamento da CUT, pra se reunir e pensar, não só pessoas LGBT, porque em dois mil e dezesseis foi o ano das conferências nacionais mas de vários âmbitos né, teve a conferencia LGBT, da mulher, do idoso, dos direitos humanos, da criança e do adolescente, da pessoa com deficiência, e a CUT fez esse chamamento. (ENTREVISTADO VAGNER, 12/10/2017)

Movimentos sociais, uma perspectiva geográfica de luta

O movimento social, como dito anteriormente, é a forma utilizada pelos grupos organizados para reivindicarem os seus direitos dentro de um contexto de lutas e desigualdades. Conforme aponta Fernandes (2012), em sua discussão a respeito dos movimentos socioterritoriais e socioespaciais, trazendo-nos uma grande contribuição para o entendimento dos movimentos sociais dentro da geografia, o “espaço social é a materialização da existência humana” (FERNANDES, 2012, p.9).

Os movimentos sociais são uma forma manifesta de que alguns aspectos não estão corretos mediante a distribuição espacial, isto é, indivíduos estão sendo excluídos de determinados contextos e isso causa desigualdades e também desequilíbrios sociais que serão questionados por meio de indignação e luta, mas também de organização nos movimentos sociais.

Dentro do espaço as relações sociais estão sendo projetadas e se transformando em intensos movimentos que também causam desigualdade, pois se constituem em um movimento com fluxos de intencionalidades diversas, que ora agem a favor de uns e ora a favor de outros.

O espaço geográfico contém todos os tipos de espaços sociais produzidos pelas relações entre as pessoas, e, entre estas e a natureza, que transformam o espaço geográfico, modificando a paisagem e construindo territórios, regiões e lugares. Portanto, a produção do espaço acontece por intermédio das relações sociais, no movimento da vida, da natureza e da artificialidade, principalmente no processo de construção do conhecimento. (FERNANDES, 2012, p.9)

O corpo é a nossa forma de nos posicionarmos perante as pessoas e as convivências; pelo corpo representamos, além de nosso estado físico, a nossa ideologia e forma de compreender as outras pessoas. O nosso corpo é a nossa introdução sendo escrita a cada relação com outros corpos, relações estas que se dão no/pelo espaço geográfico, sendo armazenadas pela paisagem, pelos lugares, pelas grafias nas paredes das ruas e dos próprios corpos.

Os indivíduos Transexuais, Transgêneros e Travestis sofrem diariamente violações em seus corpos, são corrompidos em seus direitos e sofrem diversos tipos de violência. O Brasil, atualmente, é o país que mais mata indivíduos LGBT. Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia (2016), foram assassinados 343 indivíduos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) no Brasil em 2016; a cada 25 horas um indivíduo LGBT é assassinado vítima da “LGBTfobia”. Dos 343 indivíduos assassinados, 173 eram gays (50%), 144 (42%) trans (travesti e

transexual), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%), incluindo 12 heterossexuais, como os amantes de travestis (“T-lovers”).

Através da análise desses dados apresentados pelo Grupo Gay da Bahia, é notória a ligação dos aspectos de violência a essa comunidade; o que quero dizer é que o corpo, a forma como se representam no espaço geográfico, e também como os indivíduos são marcados aparecem nesses dados, a população LGBT está sendo assassinada ano após ano por assumir sua condição enquanto indivíduos que desviam de uma dada “norma”.

Através da análise do gráfico abaixo, é observável o aumento no número de assassinatos a indivíduos LGBT no Brasil, mostrando-nos que o quadro atual é de calamidade quanto à segurança desses indivíduos. A situação ainda piora segundo os dados do Grupo Gay da Bahia, que realiza esses levantamentos, e aponta que, em 2000, ocorreram 130 homicídios e, em 2016, ocorreram 343; isto é, houve aproximadamente 264 % de aumento no número de homicídios. Segundo as agências internacionais⁶ mais da metade de homicídios de transexuais do mundo ocorrem no Brasil, utilizando o último dado de 343 homicídios (2016) somente 60 criminosos foram identificados, isto é, apenas 17% dos atos foram punidos.

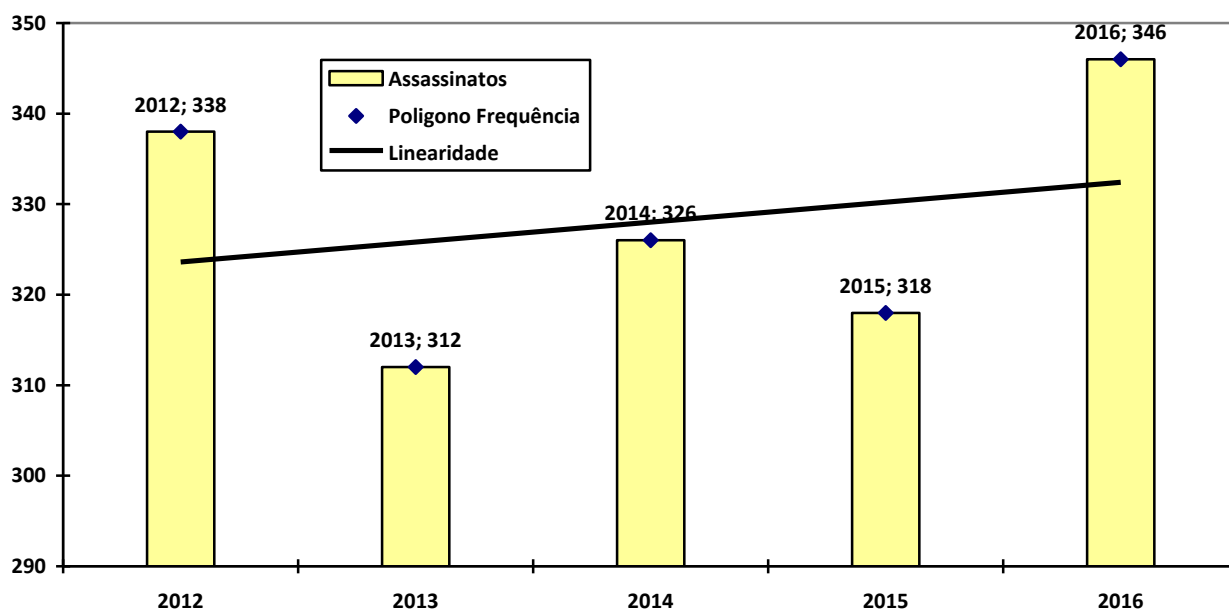


Gráfico 01- Assassinatos de LGBT no Brasil de 2012 até 2016

Fonte: Grupo Gay da Bahia, relatório dos anos de 2012 até 2016

Organização dos dados: Wilians Ventura Ferreira Souza

Como é possível observar no gráfico a seguir, o número de homicídios contra transexuais e travestis é alto e permanece constante durante o período de 2012 até 2016, evidenciando que a violência mantém uma certa linearidade, havendo um aumento de 318 homicídios em 2015 para 346 homicídios em 2016, isto equivale a um aumento de aproximadamente 9% da taxa de homicídios em apenas um ano. Esses números são alarmantes e estão representados nos relatórios lançados anualmente pelo Grupo Gay da Bahia que realiza todo esse trabalho.

⁶ http://www.transrespecttransphobia.org/en_US/tvt-project/tmm-results/idahot-2015.htm

Estes são dados importantíssimos para compreender a espacialização da violência no território brasileiro. Vale lembrar que esses atos são quantificados, pois chegaram ao ato extremo de homicídio; porém, muitas vezes as violências não são quantificadas justamente pela falta de preparação dos veículos de denúncia para atender esses indivíduos. Estamos falando de uma organização nacional que identifica a presença da população LGBT, mas ao mesmo tempo negligencia um atendimento correto e eficaz.

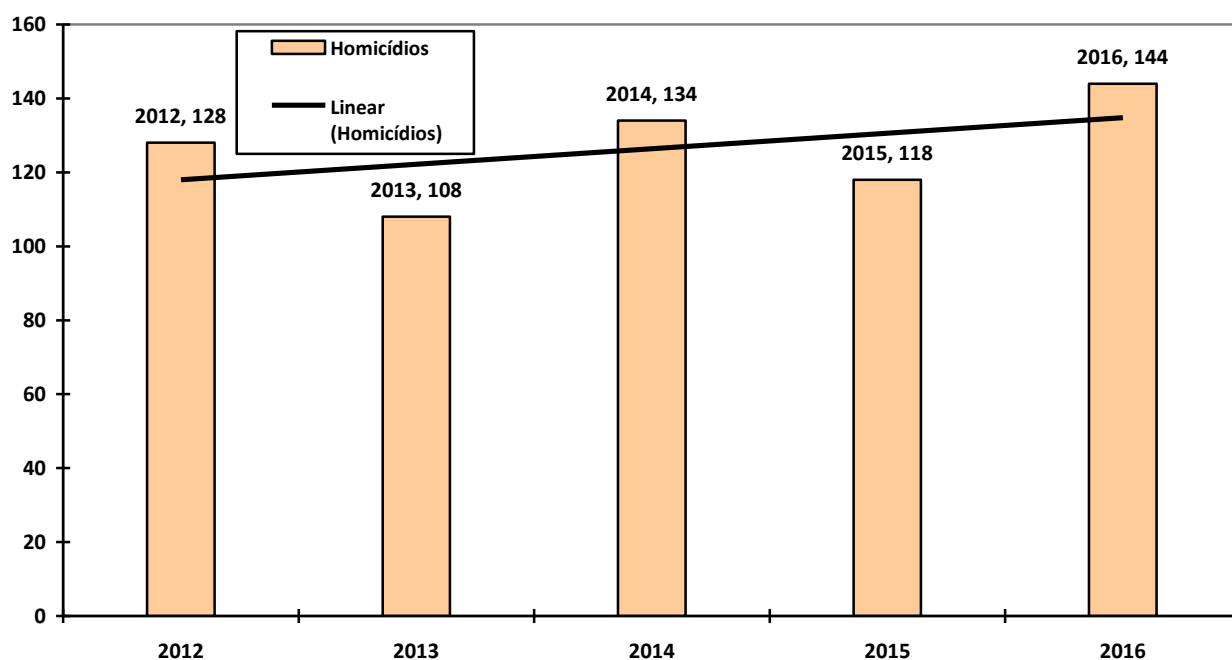


Gráfico 02- Homicídios de Transexuais e Travestis de 2012 até 2016

Fonte: Grupo Gay da Bahia, relatório dos anos de 2012 até 2016

Organização dos dados: Wilians Ventura Ferreira Souza

A “Passibilidade”

Durante o processo de entrevista com a Walleria Suri Zafallon, foi mencionado um termo para expressar como as mulheres e os homens transexuais chegariam próximos da imagem feminina e masculina construídas pela sociedade como norma. Essa representação da imagem é utilizada pelo movimento LGBT com o termo *passibilidade*, que está direcionado, justamente, no sentido de expressar o quão um indivíduo representa ou não a imagem feminina ou masculina estabelecida como norma.

Quanto mais esse indivíduo se aproximar da identidade de gênero que ele assume ter, maior será a sua “passibilidade”, Walleria durante o discorrer da explicação sobre esse termo utilizado no movimento, viu a necessidade de expressar os ambientes onde a passibilidade está manifesta, como é possível observar em seu relato a seguir.

Porque eu consegui uma transição bem acentuada, ou seja, eu consigo me passar por mulher né, como se diz a “passibilidade” na linguagem que nós usamos, a “passibilidade” que vai ditar muito o quanto que você é permitido a ocupar os espaços, se você não é como que eu posso dizer, se você não se passa pelo gênero que você assume de uma forma tão intensa, se você não convence de uma forma tão intensa, você vai ser mais proibido a usar o banheiro feminino no caso, a ir em uma academia onde só tem mulheres, ir à um salão de beleza onde só tem mulheres, vários espaços que forem especificamente pra mulheres, se você não tiver uma passibilidade próxima de 100% com certeza você terá muitos problemas de ter acesso à esses lugares, porque éhh, a sociedade ela, não é você que diz ser homem ou mulher, é a sociedade que te diz, e através das informações da simbologia visual que você passa pra ela que ela vai te dizer se é homem ou mulher. (ENTREVISTADA WALERIA, 12/10/2017)

A *passibilidade*, novamente, é uma condição imposta aos indivíduos LGBTQS que sofrem por não poderem frequentar alguns espaços. Essa simbologia visual expressa por Walleria retoma, novamente, o aspecto das relações que permeiam o corpo, e como este é aceito ou não dentro de espaços sociais e espaços geográficos.

Como resposta à manifestação dessas ondas conservadoras, machistas e heteronormativas, há, então, a necessidade da criação de demandas e lutas unificadoras para os atingidos por essa norma que está posta em um movimento social.

Outro aspecto interessante é a fala da Walleria quando lhe perguntei quais as maiores dificuldades enfrentadas como militante e como mulher transexual, tendo ela expressado de forma clara seu sentimento em relação a todas essas formas de opressões diretas ou indiretas:

Bom, uma delas é ser vista como mulher, como as outras, como uma mulher comum, eu vejo que o tratamento que é dirigido a mim, ainda é bastante diferente quando a pessoa descobre que eu sou trans né, toda a postura corporal e até verbal muda né, principalmente dos homens em relação a mim. E como militante é ser levada a sério, é ser ouvida, entendeu? É que o administrador público me receba e leve a sério nossa demanda, pra que eu coloque pra ele aquilo que a nossa comunidade precisa, é difícil de ser ouvida e uma vez ouvida é muito difícil aquilo que a gente disse e que ele se comprometeu em fazer se tornar concreto né, muito difícil. E depois não tem órgãos específicos que a gente possa recorrer pra dizer olha o que foi combinado não foi cumprido, você não tem órgão regulador, não tem nada. (ENTREVISTADA WALLERIA, 12/10/2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreender que as ações humanas condicionam a frequência de determinadas pessoas ao espaço, podemos teorizar sobre cada grupo social e cada maneira com que esses grupos usam e produzem suas marcas no espaço. O objetivo é trazer a discussão do movimento LGBTQ para a geografia, entendendo a intencionalidade da produção e da reprodução dos espaços.

Toda a construção deste artigo possui uma intencionalidade inicial, que é de atingir as pessoas para refletirem sobre como as normas condicionam os espaços, permitindo que algumas pessoas frequentem ou não determinado ambiente. O debate sobre os movimentos sociais e sobre o corpo modificado é uma forma de

tentar compreender de forma linear todos os processos que estão relacionados e correlacionados com a criação de movimentos sociais, lutas políticas, disputas por espaços e por territórios.

Os militantes se projetam no espaço, indo no sentido oposto ao das normas que estão impostas, causando, então, embates ideológicos que se manifestam de diversas formas. A representação do corpo enquanto espaço e enquanto parte do todo, adotando o sentido que Fernandes (2012) traz acerca dos movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais, para interpretar e compreender como e porque os movimentos estão acontecendo, assim como suas intencionalidades, é de fato um grande desafio compreender todos esses processos.

A geografia tem um papel muito importante em sua contribuição principalmente como ciência, pois ela está muito presente nessa discussão do corpo, espaço, território; a geografia é uma possibilidade de interpretação que possui diversos olhares para a realidade. As relações sociais e o movimento social são processos que estão ligados também com conceitos geográficos e é essa contribuição que quero trazer para a construção de uma geografia que possua um olhar mais humano, menos excludente e mais integrador.

Com a realização cada vez mais profunda em uma teorização sobre o tema, com a inserção nos movimentos sociais, é possível compreender e dialogar com os militantes para a criação de um trabalho fundamentado na teoria e na militância. Como mencionado pelos entrevistados, a *passibilidade* (termo originalmente surgido no movimento social LGBT), é algo que desperta uma grande curiosidade, que deverá ser superada pela pesquisa e pelo trabalho coletivo dos grupos de estudos e pesquisas, e da participação no movimento LGBT.

Compreendo que está muito cedo para obtermos um resultado, mas a intensa busca pelo aprimoramento do conteúdo estudado, a intensa inserção nos meios de luta e a familiarização cada vez maior com o tema faz de mim um sonhador neste campo da pesquisa geográfica.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. (Org.). **Pesquisa Participante**. 3.^a edição. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 211 p.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan** : sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Tradução Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002b.

COSTA, V.B., DENARI, F. E. (2011). **Identidades, diferenças e estigmas escolares**. In F. E. Denari, (Org.), **Educação e Educação Especial**: textos e (con) textos (pp. 49-63). São Carlos: Pedro & João Editores

FERNANDES, B. M. **Movimentos Socioterritoriais e Movimentos socioespaciais**: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Ed. Especial. São Paulo: Revista NERA, 2012. p. 07-17.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório 2016**: Assassinatos de LGBT no Brasil., 2018. Disponível em: <<http://https://grupogaydabahia.com.br/2017/01/24/relatório-de-2016/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

PEDROSO, M. F. **Contextos geográficos da AIDS e os espaços vividos por jovens com HIV em Presidente Prudente – SP**. 2017 244 f. Monografia (graduação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia- Presidente Prudente

PINAFI, T. **Militante... Já viu né? A homofobia nos processos de subjetivação dos militantes do Movimento LGBT**. 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis.

PEDON, N. R. **Geografia e Movimentos Sociais**: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.